

— Talvez seja a estupidez que foi massacrada, a estupidez sentimental, revidou Duncan.

— Acha? A mim me parece que todos estes tubos e latas onduladas são a própria estupidez e muito sentimentais, pois mostram-se apiedados de si mesmos.

A cara do artista amarelou de ódio, enquanto com silenciosa altivez ia ele virando para as paredes os quadros.

— Creio que podemos ir para a sala de jantar, disse Duncan friamente.

Deixaram o estúdio em morno silêncio.

Depois do café:

— Não tenho nenhuma objeção em passar como o pai da criança, disse o pintor, mas imponho uma condição: Constance posar para mim! Há anos que o desejo e ela sempre se recusa a isso.

Duncan falara com a sombria decisão dum inquisidor.

— Só aceita com essa condição? inquiriu Mellors.

O artista pôs o máximo de desprezo na resposta:

— Certamente. Só com essa condição.

— Poderia tomar-me também como modelo e pintar um grupo: Vulcano e Vênus presos na rede da arte. Fui ferreiro antes de ser guarda-caça.

— Obrigado, disse Duncan. Não creio que a anatomia de Vulcano possa interessar-me.

— Mesmo entubada, corrugada e pulverizada assim?

O artista calou-se, muito altivo para responder.

A reunião prosseguiu. Duncan afetou estar a mil léguas de Mellors, e só conversou com as duas — isso mesmo sincopadamente, como se as palavras fossem extraídas com esforço do fundo da sua sinistra genialidade.

— Duncan não entrou em você, disse Constance a Mellors ao retirarem-se, mas é melhor homem do que parece. Muito bom, no fundo.

— Um cachorrinho preto com destempero ondulado.

— Sim, não esteve amável hoje.

— E vai posar para ele?

— Isso agora me é indiferente. Ele não porá a mão em mim. Tudo me é indiferente, afora vivermos nós dois a nossa vida.

— Ele vai mas é fazer cocô em você na tela.

— Não faz mal. Apenas pintará os seus sentimentos por mim, o que me é indiferente. Só não quero que me toque, por nada no mundo. Mas se ele acha que pode fazer qualquer coisa apenas me olhando com o seu olho de coruja, que o faça. Que me reduza a quantos tubos e latas ondulantes quiser. Tanto pior para ele. Danou de você dizer que sua arte tubular é sentimental e pretensiosa — mas é isso mesmo.

## CAPÍTULO XIX

CARO CLIFFORD:

“Creio que o que foi previsto vai realizar-se. Amo a outro homem e espero que você concorde com o divórcio. Estou atualmente em casa de Duncan, que andou em Veneza conosco. E estou aborrecidíssima por você, mas peço que tenha calma. De mim você já não tem necessidade — e não posso suportar a idéia de voltar a Wragby. Estou aborrecidíssima. Perdoe-me e requeira o divórcio — e case com alguma melhor do que eu. Não sou a mulher que você precisa; muito impaciente, muito egoísta. Por isso não poderei nunca voltar aí. Creia que estou aborrecidíssima só por causa de você. Mas se você tomar a coisa com calma, verá que não é assim tão horrível. Você nunca foi muito apegado a mim. Perdoe-me, pois, e desembarace-se de mim.”

Clifford, lá no âmago, não se espantou grandemente de ter recebido essa carta. Lá bem no fundo sabia que o remate do seu casamento teria de ser aquele. Mas nunca deu a menor revelação exterior dessa convicção. A carta foi-lhe, pois, um golpe terrível, porque a superfície da sua confiança estava sem a menor lesão.

E não somos todos nós assim? Por um esforço de vontade impedimos que as nossas convicções profundas e intuitivas subam à tona, vindas do inconsciente. Daí esse estado de temor, de apreensão, que torna o golpe dez vezes mais violento quando o dia chega.